

# ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL  
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves  
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida  
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA.

# PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogравura, zincographia, stercotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 48—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 11 DE ABRIL DE 1904

NUMERO 23



CONSELHEIRO JOSÉ LUCIANO DE CASTRO

Foi o illustre chefe do partido progressista um dos vultos que mais se impoem na politica portugueza. Figura veneranda e prestigiosa que se destacou a sua estroia nas luctas progressistas nos tempos em que a voz de Beaucamp e d'outros parlamentares de então trovejava no parlamento. Foi uma verdadeira revelação, e desde esse dia o conselheiro José Luciano de Castro foi conquistado

de nos seus logares passou a passo, mestre do seu enorme talento. D'uma inconcussa honestidade, bem entrosado a sua missão, tomou o partido de que o chefe a todas as glorias, arruinando a seu de novo serviço da nação que o respalda. O illustre estadista é como uma reliquia, divina dos tempos dos grandes combates de politica portugueza, de que é hoje um dos seus mais grandiosos ornamentos.

# CHRONICA

## O reverso da medalha

Fez-se a mataca grande e as primeiras corridas de touros; corre mau o tempo para os bois que se mostraram nos pratos, após os jejuns, feitos em bons bifés, e entraram nas arenas, após o inverno, furiosos e vingativos.

Na tarde de soalheira, em domingo de Paschoa,



A GUERRA RUSSO-JAPONESA—O MINISTERIO DA MARINHA EM TOKIO

a cidade applaudiu os cozinheiros e a gente das touzadas:

—Bravo, que bello bife! Ena, que bello curro! ... Enrolam-se as opas das irmandades e os pendões symbolicos; os irmãos da confrarias repousam e o tradicional S. P. Q. R. da legenda passou a ser a letra d'um *menu* patuico.

Já que se falou em carne vem a proposito lembrar aquella historia d'uns poetas que viviam n'uma trapeira da Baixa ainda não ha muitos annos. Ellos estão ahí vivos para o dizerem e para recordarem o caso á gargalhada.

Foi n'um dia d'apertos; não era semana santa e elles jejuavam, increpando Apollo e a sociedade na pessoa do seu hospedeiro.

Eram tres os rapazes e dois foram, á aventura, arranjar uns cobres, enquanto o terceiro ficava em casa a contas com a inspiração e com o estomago.

Farto de passear no quarto atirou-se para cima da cama e pôz-se a pensar n'um bom naco de carne e na sua Arminda, n'aquella Arminda que todos os poetas toam e n'aquella carne que nem todos comem.

De repente batem á porta; em voz sumida, o triste pergunta:

—Quem é??

—E' o bife!

Maravilhado e ancioso, correu a abrir, teve um deslumbramento, sentiu uma Alleluia e uma Paschoa diante do gallego que lho trazia o bife mais desejado do que a inspiração, enviou um pensamento terno aos companheiros e entrou a devorar a carne sem pão.

Dentro em pouco soam duas campainhadas, ergue-se na esperança d'outro acepipe mas ouve a voz grossa do moço bradar:

—De cá o bife.

Não era para cá...

E viu-se a porros

o rapaz para convencer o outro de que

um poeta não pode resistir inteiri-

ra, senão em alexan-

drinos, a posta de carne que uma

vez lhe cabe ao alcance da mão e da dentada.

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—



A GUERRA RUSSO-JAPONESA—O SENADO DE TOKIO

E ninguém pensa na guerra que sobressalto ao começo, nem no sr. Pequito que esqueceu depressa, nem no governo, nem na vida.

Ainda ha dias nos dizia um rapaz que para tudo acha um symbolo:

—O' meimino . . . A vida é como o balão do *Ferramenta*, aquelle que subiu aos ares no Porto . . . Era de panno cru e balão mas nem por isso deixou de voar como um de boa gutta percha . . . Já vês que todos podemos subir, isto é viver ao sabor dos fados . . . Não vale ralar . . .



A GUERRA RUSSO-JAPONESA—A LEGAÇÃO RUSSA

condido como se estivesse natorre de marfim, a recordar os versos do poeta:

*Na formosura d'estas frescas serras!*

Esperava talvez ver

sylyphides e faunos surgindo do bosque, mas apenas topou cabos de policia, museusos e de corações de pedra, nos quaes não ponde convencer da necessidade d'um ideal que, á falta de cançoneiros, é precioso á sua vida: ah! o ideal, as avenas, os prados!

Elle não queria fugir, queria banhar-se na natureza que lhe avigora o espirito, agora que não lhe põem livros ao alcance da mão. . . O poeta que comen regaladamente o bife ainda ponde convencer o moço mas o francez não soube convencer os cabos

e lá foi de novo para a cadeia! . . .

De resto elle tinha razão: agora appetee tanto a vasta campina que chega a ser um crime encerrar alguem.

Toda a cidade presa durante uma semana nos seus muros abala ao domingo e vai perdese na verdura, para voltar á noite com uma provisão de alegria.

com um cadaver roído pelos vermes e abandonado como n'um romance de sensação, como n'um folhetim d'esses que só se podem ler com dois policiaes no lado: e isto na primavera, quando ha tanta sol e tanta alegria, tanta paz e tanto azul. Parece no entanto que ainda é pouca a luz, pois não consegue penetrar em todos os corações . . .

E com o azul e com o sol voem as andorinhas e vem a Bartet — a divina — como uma d'essas lindas aves de gratidão a visitar-nos, a mostrar-se radiosa, como a incarnação suprema da arte, vem magnifica com os seus lindos olhos de suavidade e a sua voz d'encanto dar-nos a commoção e o arrebatamento ali no palco do theatro D. Amelia.

No D. Maria teresos o apparecimento d'uma nova estrella, Palmyra Bastos, que entra no Normal com as honras devidas ao seu grande talento, que vai finalmente mostrar-se com todos os seus recursos na desoladora peça de Brieux.

A pesar de tudo já os empresarios se queixam do bafo ardente d'osta primavera que rouba o publico 'do theatro e o leva para os bancos da Avenida 'a contemplar' não as estrellas das companhias mas as companhias de estrellas que formigam o ceu nas noites calidas que já chegam.

ROCHA MARTINS.



A GUERRA RUSSO-JAPONESA—O MINISTERIO DOS ESTRANGEIROS EM TOKIO



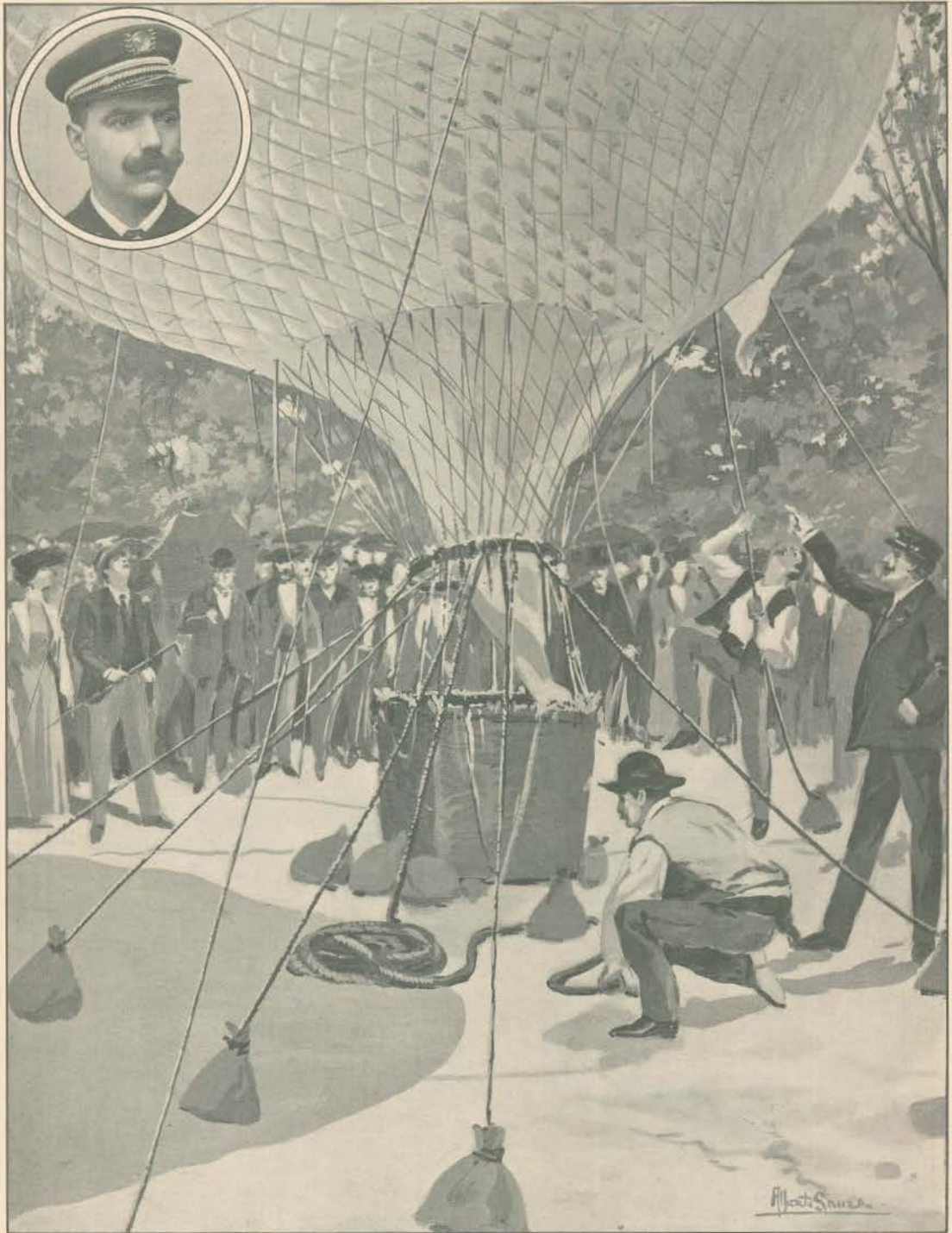
A GUERRA RUSSO-JAPONESA—O CLUB DE TOKIO



A DIVISÃO NAVAL RUSSA QUE PARTIU DO TEJO EM 5 DE MARÇO

EM GRUPO DE MARIQUEIROS DO "DEBYOT" — UM GRUPO DE MARIQUEIROS DO "CHELADO" — O TORPEDEIRO "DEBYOT" — FAZENDO O "COCHIMA" A BORDA DO "DEBYOT" — UMA MANOBRAL DO "DEBYOT" — O CHELADO "GENTIL DOBYOT" — ARTILHEIRO A BORDA DO "CHELADO" — O TORPEDEIRO "DEBYOT" — A DIVISÃO NAVAL RUSSA ERA DO COMANDO DO CAPITÃO DE MAR E GUERRA LEONID DOBYOTSKY, OS TORPEDEIROS "DEBYOT" E "DEBYOT" ERAM COMANDADOS RESPECTIVAMENTE PELOS CAPITÃES DE FRAGATA V. IVANOFF E V. BIKAROFF. ESTEVA NO TEJO DE 3 A 5 DE ABRIL E COMO

o torpedeiro "Debyot" encontrava-se a roda de proa quebrada teve de ser concertado rapidamente por alguns operários do nosso Arsenal. A divisão russa veio de Arzel com bordo por Cádiz e passou aqui para o Tejo a incorporar-se na esquadra de reserva. O "Dmitry Densky" é um cruzador construído de 5000 toneladas com 90 metros de comprimento, 10 de boca e 17,5 de pontal. As machinas têm a força de 6000 cavalos e imprimem um movimento ao navio de 17 milhas. O seu armamento é de 6 canhões de 6 polegadas, 4 de 15 centímetros, 2 de 93 milímetros e 4 tubos lança-torpedos. É tripulado por 351 homens. Os torpedeiros são do tipo common.



A ASCENSÃO DO BALÃO «PORTUGUEZ» DE ANTONIO BERNARDO (FERRAMENTA) — OS PREPARATIVOS DA SUBIDA [Segundo um croquis]

O balão do *Ferramenta*, como já é conhecido *Portuguez*, subiu aos ares no Palácio de Crystal, em domingo de Paschoa, e todo o Porto ancioso e com a recordação ainda latente e viva do desastre do *Luzitania* viu o aeronauta no seu balão captivo e applaudi-o entusiasmadamente. Já em sábado d'Alentejo se devia realizar a ascensão, mas como o aeronauta extravazasse gas não pôde subir.

Em domingo o aeronauta dirigiu-se ao sr. commissario Pato, da policia do Porto, a pedir-lhe licença para fazer uma ascensão livre, o que-lhe foi recusado. Porém, ao vir-se a certa altura, o

*Ferramenta* cortou a corda que captivava o balão e foi pelos ares por entre os applausos da multidão excitada e delirante, indo cair em Gondomar.

De Lisboa dirigiam-se-lhe pedidos para vir aqui realizar uma subida e parece que o sr. Antonio Bernardo virá com effeito a capital, onde fará uma viagem aerea partindo do Jardim Zoologico, isto depois do aeronauta Magalhães Costa fazer uma ascensão no *Portuguez*. O balão é de pano crú e foi todo fabricado no Porto sob a direcção do aeronauta, que deu uma enorme prova d'arresto ao eleva-lo nos ares em semelhante acrobacia.



A CERIMÓNIA DA ALLELUIA NA REAL CAPELLA DAS NECESSIDADES

A Igreja de Jesus começou às 10 horas da manhã. O Sacerdotado chefiado de S. João tinha uma assistência nova, evoluíram a Devesas, os Inquisidores, lá se fez a galeria S. M. assistida com uma alcaide a oratória diante da igreja apostólica e magnificente. Os escudeiros, brancos e não mais, vestiram provisoriamente da sacerdotia para a capella, tudo a festa a celebrada, depois a serpentina, a salva com pluma d'arcos, o flautista, a orca e por fim o coro, ossego Costa, Sousa, Loui de Sá e Pinheiro, rev, ossego Almeida com o Sacerde rev, Unidos. Cantores e Kiriloff subiu, os vozes graves dos padres, rugiram-se no frontão em face do altar quando começaram as prelobras, batendo-se sobre a fôrca.

Aquella atmosphera de paz e de recolhimento, a cerimonia collonava, cortavam-se sempre as vozes dos sacerdotes a uma fôrca trito e ao cubo d'uma loja, abriam-se as cortinas, appoada a Alleluia, a uma harmonia de luz, na gloria do sol que entrava rutilante pelo Janelas. Inquisidores, Inquisidores no altar e o coro, os cantores dos cantos, magnificos, orgulham a'os descompartimento de apollonia a'uma assada em que o ritual christão cobria a Alleluia, estubo não luz, da victoria, do justo a reagir para o eterno gloria. A fôrca foi, pelo, encapado, macarilosa, com a orca, com o ornamental liturgico, além na pequena igreja de papa rom.

REZENHA



[Segundo um desenho]

A GUERRA RUSSO-JAPONESA — A MARCHA DA ARTILHARIA JAPONESA PARA A COREIA

Dizem os telegrammas que os japonezes empregam na Coreia a sua artilharia, que é numerosa e magnifica. Tem partido para Seul grande numero de caubos tirados por bellos e resistentes cavallos habitados ás correrias n'aquelles territorios. A artilharia japonesa é muito aperfeiçoada, não tendo a menor differença da usada na Europa, pois é fornecida pela mesma casa. No mar tem mostrado o portentoso alcance dos seus canhões e a enorme cortezia das suas pontarias, em terra ainda não tiveram occasião de manobrar, porém, deve esperarse que sejam os mesmos os resultados, pela a educação do artilheiro japonês e de-

versos castelãos. No parque militar de Tokio recebem a instrução, e n'um polygono que fica a duas horas da cidade realisam as experiencias, isto alem dos exercicios pousos que se effectam todos os annos para o objectivo e para as reservas. Os officiaes tem o curso da Escola Superior da Guerra, que não é inferior ás da Europa e se baseia no methodo allemão, sendo, pois, quasi seguro o exito da bella artilharia que agora vai a caminho da Coreia por montes e valles.



JOSÉ BRUNO CARRERO  
Auctor da peça



ARMANDO MARINHO DA CUNHA



MANUEL QUARIGEMA P. LIMPO DE LACERDA



ALVARO SERENO  
Auctor dos versos da ballada



MIGUEL TRANCOSO  
(No papel de Cândida)



MIGUEL TRANCOSO



AUGUSTO V. DOS SANTOS JUNIOR  
(No papel de Margarida)



ANTONIO VAHIA DE S. CARNEIRO  
(Uma triciana da *Vespera de Feriado*)



CARLOS R. D'OLIVEIRA PINTO  
(No papel de Conceição)



RUY ULRICH  
(Presidente da commisso executiva)



ANTONIO CORREIA FONSECA



ANTONIO J. M. DO LAGO CERQUEIRA  
Delegado do 3.º anno de Philosophia



AFFONSO A. DE SEIXAS VIDAL



CARLOS R. D'OLIVEIRA PINTO  
(A Conceição, na peça *Vespera de Feriado*)



ALBERTO MARQUES



FRANCISCO X. P. DE SANDE E CASTRO



PEDRO DE MIRANDA  
«O Esculapio» da peça *A Cêla* (párodia  
à *Cêla dos cordeiros* de Julio Dantas)



AUGUSTO J. QUEIROGA VALENTIM

OS QUINTANISTAS INTERPRETES DA PEÇA DE DESPEDIDA *UMA VESPERA DE FERIADO*, QUE SE REPRESENTOU EM COIMBRA  
E NO REAL THEATRO DE S. CARLOS

Os estudantes que concluíram a sua formatura despediram-se da vida académica com as peças *Vespera de Feriado* e *a Cêla*, nas quaes corre a alegria, o enthusiasmo, a laracha descuidada, a paixão das gerações coimbrês. Apresentaram-se ao publico no theatre de S. Carlos n'uma recita em be-

nelicio da *Assistencia Nacional aos Tuberculosos* e recolheram a gozar as suas ultimas ferias, levando a saudade da vida descuidada que José Carrero marcou na sua peça *Vespera de Feriado*, n'uma bella *charge*, que é uma synthese do viver académico universitario.



S. M. A RAINHA SENHORA D. AMELIA COM SS. AA. VISITANDO AS EGREJAS EM QUINTA FEIRA SANTA

A augusta senhora, pelas 5 horas da tarde, desceu de S. Roque para o Chiado para se dirigir á igreja dos Martyres. Acompanhavam S. M., além de SS. AA. RR., os dignitários de serviço sr. Izabel Ponte e os srs. conde da Ribeira e coronel Antonio Costa.

Visitas as egrejas de S. Roque, do Sacramento e dos Martyres, demorando-se em todas ellas algum tempo. Uma grande multidão seguia a soberana pelas ruas e as crianças approxam-se de SS. AA. que sorriam tambem. E na tarde lunda, n'essa tarde de Endoenças, em que a devoção chamava o povo as egrejas, era realmente bello ver S. M. com seus filhos passar entre o seu respeito para ir aos templos fazer as suas orações. Na igreja do Sacramento deixou S. M. uma esmola para a Associação Protectora das Crianças.

A pé, ao lado de seus augustos filhos, passando entre alas de povo que a saudava, S. M. sorria e dava um alto exemplo de humildade christã ao atravessar as ruas como uma simples senhora.

As carrageas aguardavam S. M. e Altezas no Largo do Barão de Quintella e d'alli partiram para o Real Paço das Necessidades proximo das 7 horas da noite.





UM TRECHO DA PROCISSÃO

## A PROCISSÃO DOS PASSOS EM BRAGANÇA NO DOMINGO DE RAMOS

A IMAGEM

A imagem vestiu pela primeira vez a túnica que foi oferecida pelo sr. Diogo Alberto Rodrigues, que reside no Brazil, e poz o resplendor de prata que foi oferecida pelo sr. Francisco Ignacio Teixeira. O cortejo era imponente, e n'elle se incorporaram as irmandades da Misericórdia e dos Terceiros

ros e as confrarias das Almas, Santa Clara e S. Vicente, além do seminário diocesano. O sermão do priorio foi pregado pelo rev. conego Oliveira e conduziu o Santo Lenho s. ex.ª reverendíssima D. José Alves de Moniz, prelado da diocese. Das aldeias vizinhas de Bragança veio grande numero de forasteiros.



## O JANTAR DIPLOMATICO OFFERECIDO NO MINISTERIO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS NA COREIA AO MARQUEZ ITO, EMBAIXADOR DO JAPÃO

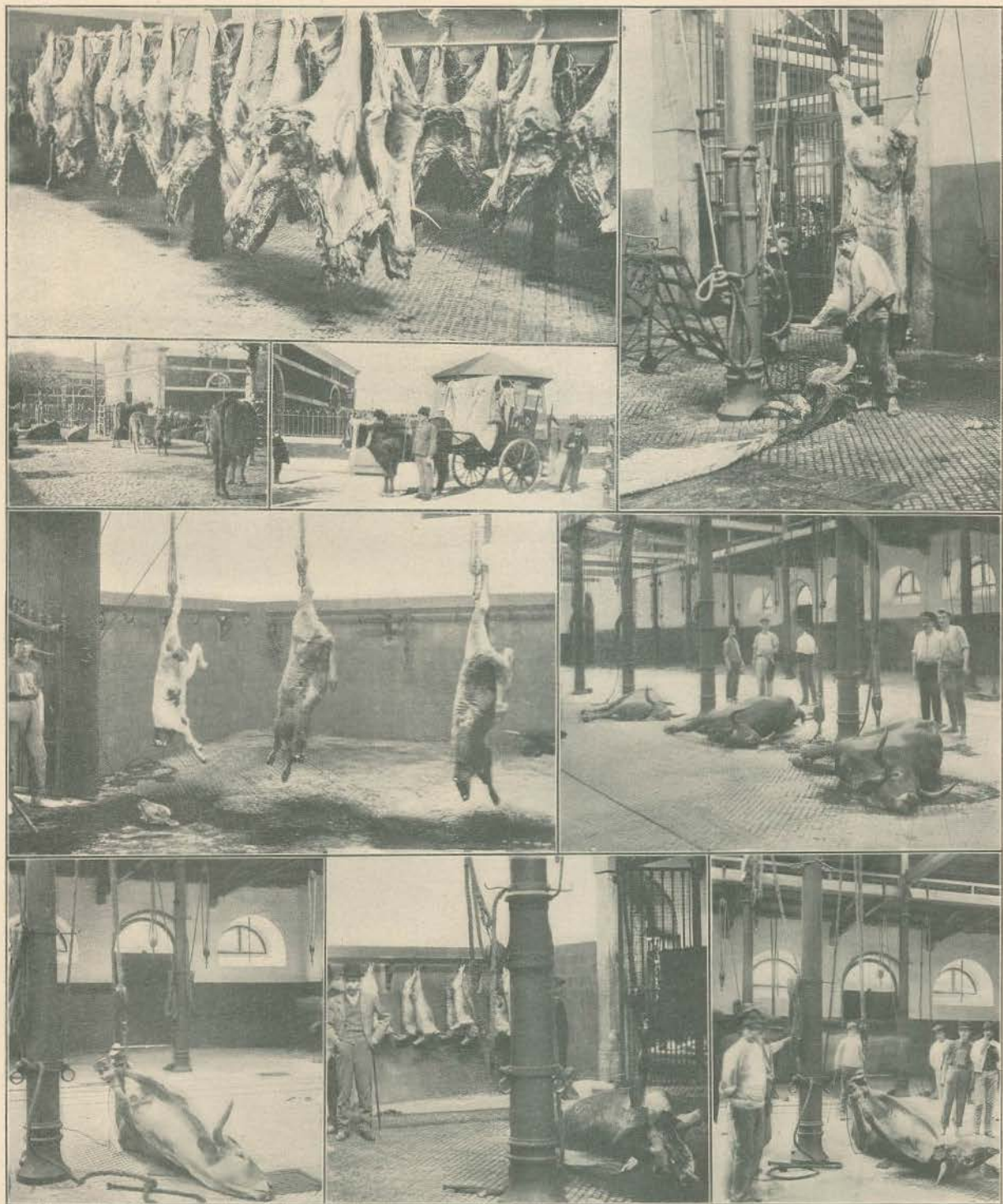
(Segundo um desenho)

O Marquez Ito, discursando por occasião do jantar que lhe foi oferecido pelos elementos preponderantes coreanos, traçou as linhas da historia do Japão, mostrando como essa potencia se salvava ao civilisar-se e facção ao mesmo tempo equal reforma na Coreia. Concluiu a sua allocução pelas seguintes palavras que fizeram grande sensação nos meios politicos da Europa:

«Ao offercermos aos coreanos a experiencia japoneza trabalhamos desinteressadamente pelos

progressos da Coreia. Se os coreanos acceptarem este offercimento, será o modo de poderem conservar a sua independencia; que, d'outro modo, se veria absorvida por um dos dois imperios que se acham directamente interessados na lucta travada em territorio coreano.»

O Marquez Ito partiu para Tokio, tendo uma affectuosa despedida e promeditando voltar breve ao seu posto de embaixador do Japão em Seul, na companhia do Mikado.



A MATANÇA GRANDE EM SEXTA-FEIRA DE PAIXÃO NO MATADOURO MUNICIPAL DE LISBOA

O DEPOSITO DA CARNE—A ESCOLA—O PATIO DO GADO—A CARROÇA DOS TRANSPORTES—AS VITELLAS PARA A COLONIA ISRAELITAY—DEPOIS DA ESTUNÇADA—O UGAR DA BEZ EM VIDA—UM DEPOSITO DAS CARNES BRASCAS—A BOVILLA

A matança grande realizou-se sempre em sexta-feira de Paixão, para que na Páschoa cresçam bem fortos e os falcões. Primeiro o jejum, depois a abundância. Foram abatidos este anno 144 bois, 106 vitellos, 290 carneiros e 324 porcos, começando os trabalhos pela madrugada e acabando perto das 2 da tarde.

Nas magnificas installações do Matadouro Municipal havia uma verdadeira feira, os empregados andavam agitados, corria o sangue a ferver e as curras vermelhas, as pellos ensanguentadas, pendiam dos ganchos de ferro, enquanto n'outros se faziam os trabalhos d'abertura e de esfolia. O gado esperava no pátio a sua vez e os animais iam successivamente do pátio para a cunha onde são abalidos, depois passavam a ser desmanchados, limpos e pozados, até que ficavam armançados. Em segunda-feira, depois da Páschoa, realizouse a matança das rezes destinadas á colonia israelita, a qual é feita d'uma forma particular.



O JANTAR AOS PRESOS DO LIMOEIRO EM DOMINGO DE PASCHOA

O CARREGAMENTO DAS CARROÇAS NA PORTARIA DA IRMANDADE DE S. FRANCISCO DA CIDADE

Este nome de S. Francisco da Cidade tem ligadas muitas tradições. Os monges da ordem viviam ali no convento fronteiro ao Tejo pelos tempos de rei D. Diniz, convento que levava ao alto sobre suas paredes e onde é hoje a Bibliotheca Publica. Havia já no tempo de D. Diniz e nos dos socorros aos encarcerados, e a bandeira da confraria, assim como a da Misericordia, calando sobre um condemnado salvava-o das justicas. Pello tempo fora reis e fidalgos filiarão-se na ordem que tomou como symbolo a humildade, quando os principes preferiam a Companhia de Jesus e dominicana.

Acabaram os frades e o caldo das portarias, ficaram as irmandades das differentes ordens das quaes a mais importante é a Ordem Terceira de S. Francisco, essa que todos os annos pela Paschoa, vae levar aos presos um rancho melhorado.

Este anno o cortejo parou, como nos anteriores, do edificio da irmandade, na Rua Serpa Pinto, a a frente irmãos d'opas vestidas seguiram alicofas onde recolhiam as esmolas costinadas aos encarcerados, depois seguiram os sacerdotes e por fim as carroças d'artilheria n.º 1, enfeitadas de verdura, e nas quaes iam as caldeiras com o rancho dos encarcerados no Aljube.



A ACTRIZ PALMYRA BASTOS

Vae agora debular no theatro normal a actrix que desde ha muito all devia estar. E' uma bella artista d'intecção que o esculho tem aperfeiçoado. Na opereta era por vezes d'uma correccão extrema, apresentava-se d'uma maneira que encantava e que a delicia. Ao entrar em scena via-se logo que estava all alguem cuja personalidade não se podia confundir. Na *Grã Dama*, Palmira Bastos soube arcar varias das particularidades interessantes e que marcavam o typo d'um cunho que mais nenhuma actrix lhe dera até então.

A disincta artista entra pois no D. Maria, devendo fazer a sua estreia no proximo dia 17, sendo de esperar do seu bello talento que marque definitivamente o seu nome no genero em que se vae dedicar. Representa a peça de Biceps *Le Berceur*, tradida da com o titulo de *Filhos alheios*.



D. JOÃO DA CAMARA

E' um actor querido, um poeta de sentimento que arrebatava, spixizou e commove. E' um bom e um modesto no modo da sua grandeza. Se o ha, entre os dramaturgos portuguezes, poderia ser transplantado para a scena esse romano de oitavo, de martyrio e de angustias que se chama *Amor de Perdão*, esse grito d'um gigante esclausurado e que por isso soffria como o seu torço e seu parente. Se não tivesse já uma enorme obra dramática, D. João d. Camara com esse trabalho digno, o *Amor de Perdão*, teria conquistado o seu lugar. O publico o tinha nos seus o submisso e por isso no nome da sua festa, no theatro de D. Maria II, recobos fartos applausos e a consagração de ha muito devida ao illustre actor de *Alfonso VI*, de *Almeida Kôr*, da *Trupe Varinho*, de *Pancho* e muitas outras obras applaudidas como monumentos do theatro portuguez.



A GUERRA RUSSOJAPONEZA—VISTA GERAL DE SEUL

Seul é a capital da Coreia, tem 100000 habitantes e fica na margem do rio Han-Kiang que se perde no Mar Amarelo.



A SCENA FINAL DO ULTIMO ACTO DA PEÇA *CÃO DO REGIMENTO*, QUE SE REPRESENTA NO THEATRO DA TRINDADE



talgada escoria do deserto? Foram baldadas estas exclamações — o drogman apenas sorriu e meneou a cabeça.

Dirigi-me para a frente e, entrando em comunicação com o rei Salomão em toda a sua glória, levei a mostrar-me a eternidade da sua arma. Tinha fechos de pedreira cobertos de ferrugem, com anéis, laminas e chapas de prata, de um extremo a outro, e estava desesperadamente fóra da verticalidade como os tacos de do jogo do bilhar, que ainda se encontram em serviço nas antigas regiões mineiras da Califórnia. A boca de cano, cercado pela ferrugem de séculos, convertera-se em pura filigrana. Fechei um dos olhos e olhei para dentro — tudo era ferrugem, como n'uma velha caldeira de um vapor. Peguei nas pesadas pistolas e sacudi-as. Também tinham ferrugem por dentro — não haviam sido carregadas durante uma geração. Tornei atrás, cheio de animo, contei tudo ao grã, e pedi-lhe que descarregasse aquella desmanelhada fortaleza. Abriu-se então. O tal personagem era um guarda do sheik de Tiberíades. Constitua uma fonte de receita do governo. Era para o Império de Tiberíades o que as alfândegas são para a América. O sheik impunha guarniças aos viajantes e tributava-os por isso. E' uma causa inerativa de encolamentos, e algumas vezes produz para o thesouro nacional cêbra de trinta e cinco dólares por anno.

Sabia agora o segredo do guerreiro: conhecia a óca vaidade d'esta burra oxidada, e destruzo a sua complacência asmática. Falei a respeito d'elle, e com impavida ousadia a cavalgada avançou para as solidões perigosas do deserto, zombando dos avisos pavorosos que elle fazia de mutilação e de morte, que choviam de todos os lados sobre os peregrinos.

Chegados a uma elevação de mil e duzentos pés acima do lago (devo mencionar que o lago fica a seiscentos pés abaixo do nível do Mediterraneo — este pormenor nunca esqueça e nenhum viajante nas suas cartas), desenrolou-se á nossa vista um panorama tão escalvado e desconsoador, como ha, talvez, por toda a parte. Todavia, estava tão sobrecarregado de interesse historico que, se todas as paginas, que se tem escripto a tal respeito, fossem espalhadas sobre a sua superficie, de certo que o cobririam de uma a outra extremidade. Entre os

lugares comprehendidos n'esse panorama havia os montes que cercam Cesaria Philippi, Dau, as fontes do Jordão e as Aguas de Merom, Tiberíades, o mar da Galilea, a cisterna de José, Capharnaum, Bethsaida, os sitios respectivos ao assaño da montanha e ao milagre dos peixes, o declive pelo qual rolo o suino para o mar, a entrada e o exodo do Jordão, Saffed, a cidade assentada sobre um monte, uma das quatro cidades santas dos judeus, e o lugar em que elles acreditam que ha de apparecer o verdadeiro Messias, que ha de vir remir o mundo, parte do campo de batalha de Hattin, onde os cavalleiros cruzados pelejaram a sua ultima batalha, e, perpassando n'um clarão de gloria, acabaram para sempre a sua carreira esplendida, o monte Tabor, o lugar tradicional da transfiguração do Senhor. E para sudoeite ha uma paisagem que me suggeriu ao espirito uma cittação (sem duvida, imperfeitamente lembrada):

«Os ephraimitas, não tendo sido chamados a participar dos ricos despojos da guerra dos ammonitas, reuniram um poderoso exercito para se baterem contra Japheth, juiz de Israel, que, sendo avisado da sua aproximação, chamou os homens de Israel, deu batalha aos ammonitas e pô-os em fuga. Para mais se assegurar da victoria collocou sentinelas nas diferentes vias e passagens do Jordão, com instruções para não deixarem passar ninguém que não podesse dizer Shibboleth. Por serem de tribu differente, os ephraimitas não puderam chegar a pronunciar bem a palavra, mas diziam Sibboleth, o que mostrava que eram inimicos, e lhes custou a vida: pelo que quarenta e dois mil caíram nos diferentes vãos e passagens do Jordão n'esse dia.»

Abalamos em paz pela grande estrada de caravanas de Damasco para Jerusalem e Egypto, para lá de Lúbia e de outras aldeias da Syria, empoleiradas, segundo o costume invariavel, na cumeira de alcantilados montes e outeiros, e rodeadas em toda a volta por cactos gigantescos (signal de ruim terra), péras cheias de espinhos como pimentos, e chegámos finalmente ao campo da batalha do Hattin.

E' uma grande planura irregular, e parece mesmo ter sido feita para um campo de batalha. Foi aqui que ha seis seculos, o incomparavel Saladino encontrou o exercito dos christãos, o destruiu para todo o sempre e o poder d'elles na Palestina. Tinha havido uma tregua pro-

## OS NOVOS PEREGRINOS

POB MARK TWAIN

TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Disse eu então que não precisavamos absolutamente de guarda nenhuma. Se um vagabundo phantastico podia proteger de todo o mal oito christãos armados e um magote de servos arabes, com certeza que toda esta gente se podia proteger a si propria. Elle abanou a cabeça em signal de duvida. Então disse eu: Não sei o que isto me parece — pensei no que se diria do americano, que toem confiança em si, atravessarem humilhados este arido deserto sob a protecção d'um arabe mascarado, que fóra d'aquí ficaria com a cabeça quobuda, se fôr um homem, que fosse um homem, corresse d'elle. Era uma situação baixa, degradante. Para que nos disseram que trouxessemos conosco revolvers de marinha, se afinal tinhamos de ser protegidos por esta infame e pin-

longada entre as forças contrárias, mas, conforme o *Guia dos viajantes*, Reinaldo de Chatillon, senhor de Kerak, rompeu saqueando uma caravana de Damasco, e recusando-se a entregar quer os mercadores quer as suas fazendas, quando Saladino as pediu. Este proceder de um pequeno chefe militar insolente feriu ao vivo o sultão, e jurou que mataria Reinaldo por suas próprias mãos, fosse como fosse, onde e quando fosse. Ambos os exércitos se prepararam para combater. A flor da cavallaria christã estava sob o commando do fraco rei de Jerusalem, que loucamente a impelliu a supportar uma longa marcha extenuante, á fôrreira do sol, e então sem aqua nem qualquer outro refresco, os mandou acampar n'essa rasa campanha. Os esquadões magníficos dos soldados mahometanos irromperam pela extremidade norte do lago de Genezareth, queimando e destruindo á medida que se approximavam, e assentaram os seus arraiaes em frente das linhas inimigas. Ao alvorecer da manhã principiou a lucta temerosa. Cercados de todos os lados pelos imensos batalhões do sultão, os cavalleiros christãos bateram-se sem esperança de salvar a vida. Pelejarão com valor desesperado, mas para nenhum resultado; tinham muito contra si o excesso do calor e do numero, e a sede devoradora. Por volta do meio dia os mais bravos dos seus abriram caminho através das floiras musulmanas, e chegaram ao cume de um outeiro; ali, então, durante horas, estiveram reunidos em torno do estandarte da Cruz, e repelleram as cargas dos esquadões inimigos.

Mas a sentença de poder christão estava dada. Quando o sol desapareceu no horizonte, Saladino era senhor da Palestina, a cavallaria christã juveava o campo nos montões, e o rei de Jerusalem, grão mestre dos templários, e Reinaldo de Chatillon estavam captivos na tenda do sultão. Saladino tratou dois dos prisioneiros com principesa cortezia, e mandou dar-lhes refrescos. Quando o rei offereseu uma limonada gelada a Chatillon, o sultão disse: — És tu que lh'a dá, eu não. — Recordou-se do seu juramento, e assassinou elle proprio a desventurado cavalleiro de Chatillon.

Era difficil de conhecer que esta muda plantação resoa-se outr'ora com musica marcial e tremesse com os passos de homens armados. Custava a povoar esta solidão do impetuosa columna da cavallaria, e sacudir o seu entorpecimento com o clamor dos vencedores, os gritos dos feridos, e o fulgor da bandeira e do aço sobre o encapellar dos vagalhões da guerra.

Alcançamos o Tabor a são e salvo, e com grande avanço ao velho tratado couraçado do guarda. Não encontramos alma viva em todo o caminho, ainda menos bandos de saltadores beduinos. O Tabor está desamparado e solitário, sentinella gigante da planície de Esdrolon.

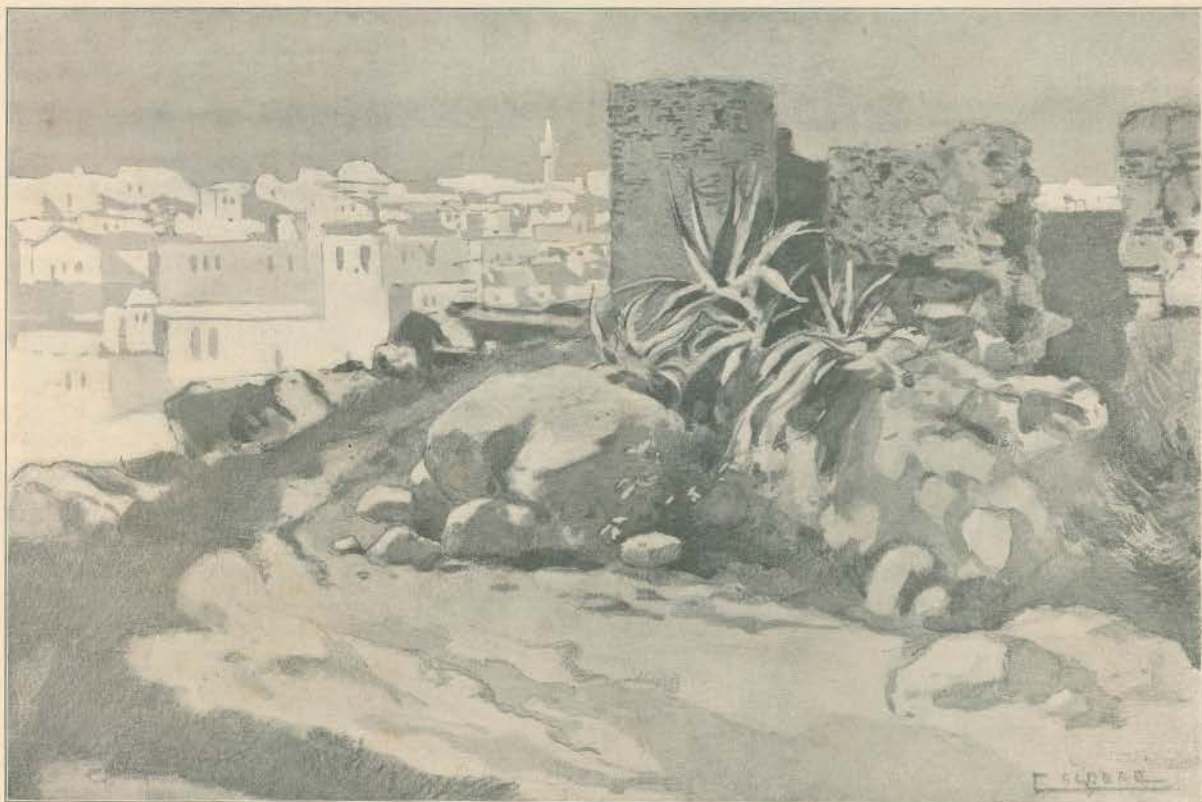
Ergue-se a uns quatrocentos pés acima do nível circumjacente, verde como arborizado, symetrico e cheio de graça — marco proeminente, que é em extremo agradável a olhos enfastiados da repollente monotonia da deserta Syria. Trepámos a ingreme via até ao cume, através das ventosas clareiras entremeadas de espinheiros e carvalhos. A vista que se descobre do seu mais alto pico era quasi bella. Em baixo, a larga planície de Esdrolon marchetada de campos como um taboleiro de xadrez, salpicada nas suas extremidades com aldeias brancas e compactas, frouxamente riscadas, ao longe e ao perto, com as linhas curvas de estradas e atalhos. Quando na primavera estiver coberta de viçosa verdura, deve formar, até só por si, um quadro encantador. Na orla do seu extremo sul ergue-se o pequeno Hermon, do cujo cume se avista um pedaço de Gilboa. Vê-se Nain, oculto pelo despertar do filho da viuva, e Endor, igualmente afamado pelas nigromancias da sua feiticeira. Para leste está o valle de Jordão e para alem d'elle as montanhas de Gilead. Para oeste o monte do Carmo. Hermon fica ao norte — os planaltos de Basau — Safed, a cidade santa, a branquear sobre um alto ponto dos montes do Libano — uma neoga azul como aço do mar da Galiléa — Hattin, do feitiço de uma sella — o monte tradicional das bemaventuranças e muda testemunha da derradeira brava pelija do exercito dos cruzados pela santa cruz — compõem o quadro.

Apreceber as feições salientes d'esta paisagem através da grade pittoresca de uma arruinada janella em arco do templo de Christo, que esconde aos nossos olhos tudo o que não tem atractivo, e assegura-nos d'um prazer para gosar o qual vale a pena trepar a montanha. É mister estar senhor de si para colher o melhor effeito á hora de um bello pôr do sol, a admirar uma paisagem n'um arrojado e forte gradiente, que está muito proximo, para fazer valer toda a sua belleza. Aprende-se esta ultima verdade, para nunca mais esquecer, n'essa encantadora terra, o jardim admiravel do conde Pallavicini em Genova. Vagueamos durante horas entre outeiros e encostas arborizadas, artisticamente dispostas para deixarem a impressão de que a natureza e não o homem os formou; percorreis caminhos tortuosos e chegais de frente de cascatas saltitantes e rústicas pontes; topais lagos tóscos onde os não esperáveis; ermes através de castellos medievais em miniatura, que parecem muito velhos, por effeito do tempo, e, todavia, foram construídos ha doze annos apenas; meditais sobre tumulos antigos, que estão a desmoronar-se, e cujas columnas de marmore foram deterioradas e partidas pelo moderno artista que as fez cahir de imprevisto sobre palacios pequeninos, feitos de varas e crustaceas materiaes, e ainda sobre a choupanna de um campones, cujo mobiliario des-

pedacado nunca poderia levar o pensamento a crer que foi mandado fazer d'aquelle modo; correis a toda a brida, de roda e de roda, entre uma florista, n'um eucantado cavallo de pau, que é impellido por uma força invisivel; atravessais estradas romanas e passaes por baixo de majestosos arcos triumphaes; repousais em formosos caramanchões por todos os lados onde espiritos invisiveis descarregam sobre vos jacios de agua, e onde até as flores em que tocas vos despedem um chuveiro; andais embarcado n'um lago subterraneo entre cavernas e arcos soberbamente revestidos de sialactites empilhadas, o sahio, á claridade do dia, para outro lago rodeado de margens em declive cobertas de relva, a que dão animação escaletres que vão fundar á sombra de um templo de marmore em ponto pequeno, que se levanta da agua clara, e reflecte nas suas aguas tranquillas as brancas estatuas, os ricos capitais e as columnas estradas. Assin tendes ido, de maravilha em maravilha, pensando durante todo o tempo que a ultima que vistas devia ser a maior. Mas, na verdade, a maior de todas está reservada para o fim, e não a védes, sem primeiro ter posto o pé em terra e, atravessando uma immensidade de flores raras de todos os pontos da terra, parar á porta de mais uma imitação de templo. Exactamente n'este sitio o artista sublimou o seu gosto ao maximo, e abriu galhardamente as portas do mundo da phantasia. Daes com um simples vidro de janella, pintado de amarello; a primeira coisa que se vê é um montão de balhoças folhagem, a dez curtos passos adiante de vós, no meio da qual ha uma arruinada abertura semelhante a um portal — coisa bastante vulgar na natureza, e que não é propria para excitar suspensas de um profundo desígnio humano — e acima do fundo do portal se projectam, do modo mais descaido, algumas folhas largas de plantas tropicaes e brilhantes flores. Eis que de repente, através d'esse esplendido portal, relanceais a vista pelo quadro mais phantastico, mais suave e mais opulento que jámais adornou o sonhar de um santo moribundo, desde que S. João viu a nova Jerusalem entrechillar por sobre as nuvens do céu. Uma grande extensão do mar, onde brillam as véas; um ingreme cabo, que avança pelo mar dentro, com um alto pharol em cima; por detrás um terreno em declive; além, uma parte da velha cidade de palacios com seus parques e outeiros e majestosos alojamentos; para lá d'ellos uma montanha prodigiosa com os seus pronunciados contornos recortados com vigor no oceano e no céu; e, por cima de tudo soltos pedacões e farrapos de nuvens, a fluctuarem n'um mar de ouro.

OLHETIM N.º 22

(Continua).





O PEIXE PRADO FREGADO EM OLEÃO PELA CAMPANHA DA ARMAÇÃO S. BOAVENTURA E QUE MEDE 925 DE COMPRIDO POR 6 METROS DE LARGO (CLASSIFICADO POR S. M. EL-REI)



MARIA INEZ

A. COSTA



JOSÉ TAVARES PINHEIRO

A. COSTA

O CRIME DA TRAVESSA JOÃO DE DEUS

Em sessão esta tarde, o cadáver apudava-se em casa enforcado e crivado, sendo de desposição, perante os alcaides e juria a filha do seu cunhado para tal acto. Plotejaram porém, e tendo confiado tudo, lançando a sua acção, resolveu vir o cadáver, que deu conta á justiça. O fôlego e legibus, machado, estava descompostamente e não um homem a que elle pela boca que viveu na sua pessoa e que teve se mostra na sua effigie.



CONDE ALBUQUERQUE

Fallecido em 7 de abril



O PROFESSOR JOSÉ SIMÕES LOPES

Fallecido em 4 de abril



DR. ANTONIO D'OLIVEIRA DIAS

Fallecido em 26 de março

CHRONICA ELEGANTE

Passou a semana santa, o período commemorativo do sacramento martyrio, e os trajes negros, symbolos de tristeza, de paixão e de recolhimento, cedem agora francamente a lugar de animosa e fresca *bailette* de primavera, tão ardentemente desejadas e gustosamente preparadas.

Por enquanto os hábitos de vestidas, casacos e mantilhas não apresentam grandes novidades. Uma ou outra modificação vai apparecendo, mas de pouca importância. Entre estas apparece-nos uma tendência para o *châle*, sem todavia chegar ainda ao classico *châle* nua de que as nossas modas se recórdam saudosamente.

O *châle* moderno é uma variante do mantelão, assezes commo para cobrir promptamente os hombros no passeio de carruagem; faz-se de seda e a forma é de lico nullo, comprida atrás e lã que pontilham bem agudas doante. É garnecido de larga renda, franja ou folhos.



FIGURA 1

Outro accessorio, d'antão muito secundario e que está merecendo especial attenção, é o véu. Temos visto varios modelos de o exhibir e o nosso miúdo dar conta de que apparece, abstrahidos os de commo-cios. Ha o véu a americana, pendou-te em volta do chapéu, que já se usava e anno passado e parece-agora querer vulgarisarse. Como preservativo da poeira é de venda não o julgamos muito effizaz, attento a sua inutilidade que o faz agitar e agitar á mais leve brisa.

Basta ainda para as pessoas nervosas o *attricivo* de o véu constantemente bullicoso adiante da vista.

Temos tambem o véu *drapé*, que é muito elegante quando seja esboçado com graça e de fórma a poder balçar e levantado á vontade, e ha finalmente o grande véu *drapé* a calado até á cintura, sem encobrir o rosto e de effeito puramente decorativo. Este ultimo effeito a occasiã de patentear riquissimas *reflexes* e mantilhas de preciosa renda que ha longos tempos estariam esquecidas.

Naturalmente comprehendese que só n'estas circumstancias de grande simplicidade e para cerimonia ou passeio de carruagem é que se ostentem taes preciosidades, que nenhuma pessoa de bom gosto apresentará na rua, a pé.



FIGURA 2

É curioso que a modella que vão augmentando os véus dos chapéus diminuem os dos trajes de noite. Algumas *bailettes* nupçiaes ultra modernas vão arrebando quasi com o grande véu dos symbolos e vapores, que occorrem via da forma mais suggestiva a figura toda. O véu moderno é um simples appendice pendente do peitoral, deixando a descoberto o vestido xingonnes e de apparencia theatral.

FIG. 1.—*Jaquette* de passeio em *lince* com borcheiros a *monte*; chapéu de palha com véu á americana.

FIG. 2.—Chapéu elegante em *feltro*, larga *écharpe* de renda *drapé*; *paif* de plumas a *angol*.

FIG. 3.—*Tulle* de noite, um *mantelão* de seda branca, com *sequinadas*, *boleros*, e mangas de *crêpe* de *China*, bordado a seda, friso e *perlas*, com *detalhes* e véu de *maravilha* do *veludo* a seda.



FIGURA 3